

EU E A OUTRA: EU - A MULHER, A OUTRA - A TARADA

Ozana A. Sacramento¹
Deivide Almeida Ávila²

Resumo

Este artigo versa sobre o poema Uma vez, de Virgínia Victorino, da obra Namorados (1920) e o poema A outra, de Judith Teixeira, integrante da obra Decadência (1923). O primeiro apresenta uma voz lírica que se mostra conforme aos ditames da sociedade quanto ao amor da mulher. Já o segundo traz uma voz lírica marcada pela insubmissão aos moldes estabelecidos pela conservadora sociedade portuguesa de então. Por um lado, Judith Teixeira denuncia, por meio da inscrição do desejo erótico em sua escrita, os arquétipos femininos construídos e, de uma forma provocativa, enfrentou o status quo da literatura portuguesa e trouxe a seu texto o corpo feminino que deseja num momento de conservadorismo da história de Portugal. Por outro, Virgínia Vitorino adequa-se a eles e os enfatiza por meio de uma atitude de amorosa subserviência, no modelo feminino outorgado pelo status quo vigente, com uma poesia bem-comportada, fiel às tradições de uma época, que dá a conhecer um sujeito feminino preocupado com convenções impostas à mulher. Trata-se de duas poéticas do início do século XX que, embora temporalmente próximas, distanciam-se pelo posicionamento das vozes líricas: uma que grita seu desejo indomável pela sociedade, outra que sussurra seu amor incensurável. Para uma melhor leitura deste artigo, usaremos textos teóricos de Dal Farra (2008), Beauvoir (2009) e Giavara (2015).

Palavras-chave: Feminismo, Patriarcalismo, Virgínia Victorino, Judith Teixeira.

1 Doutora em Literatura Comparada (UFMG), professora do IF Sudeste MG- Campus São João del-Rei. E-mail: ozana.sacramento@ifsudestemg.edu.br

2 Mestrando em Letras na linha de pesquisa Literatura e Memória Cultural (UFSJ). E-mail: almeidavila06@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

Neste estudo, pretende-se ler comparativamente dois poemas, a saber: “Uma vez”, de Virgínia Victorino e “A outra”, de Judith Teixeira, ambos publicados na década de 1920 por essas poetisas portuguesas. Elas ocuparam lugares diferentes na sociedade e na literatura portuguesa do início do século.

Virgínia Victorino obteve, nas primeiras décadas do século passado, um enorme sucesso editorial na literatura de autoria feminina, tanto que seu primeiro livro de poemas – *Namorados* (1920) – chega a expressiva marca de doze edições. O mesmo sucesso ocorreu com os livros seguintes, *Apaixonadamente* (1923) e *Renúncia* (1926). Mais tarde, Victorino dedica-se ao teatro e à atividade radiofônica. Para João Gaspar Simões, a poeta obteve tamanho êxito em função de aspectos ideológicos, já que, para o crítico, sua poesia corresponde ao ideal burguês da mulher delicada e submissa:

Virgínia Vitorino é, de fato, um típico temperamento poético investido das prerrogativas que lhe dá o exprimir a sensibilidade comum da burguesinha enamorada. Toda a mulher portuguesa de mentalidade fiel às tradições da pequena burguesia encontrou nos sonetos, aliás, por vezes, perfeitíssimos, da poetisa de *Apaixonadamente*, o quadro fiel das suas comedidas paixões (SIMÕES, 1976, p. 208, *apud* GIAVARA, 2015, p.61).

Maria Lúcia Dal Farra, pesquisadora brasileira, escreve no verbete dedicado a Victorino no *Dicionário Fernando Pessoa e do Modernismo Português* que a poeta era “amiga do poder, bonita, inteligente e culta [...] parece ter colaborado para a difusão da cartilha ideológica do Estado Novo, mercê do senso comum dos seus sonetos e do recorte moral da sua dramaturgia de fácil adesão...” (DAL FARRA, 2008, p. 901). A estudiosa cita ainda suas visitas a personalidades importantes, inclusive ao presidente Getúlio Vargas, no Brasil; além das honrarias recebidas.

Virgínia Victorino foi alçada ao cânone literário de sua época em função de sua posição social, de seu círculo de amizades, de sua adesão aos valores sociais considerados adequados para as mulheres moralmente ajustadas da época. Hoje, a poeta é vista sob outro prisma, pois sua poesia domesticada e com laivos românticos não tem uma relevância estética ou temática.

Usando de um estilo destoante de seus contemporâneos, Judith dos Reis Ramos Teixeira (1880-1959), Judith Teixeira ou Lena de Valois foi uma escritora e poeta de Viseu. Publicou três livros de poesia e um livro contendo duas novelas. Também, publicou para revistas e jornais e chegou a dirigir a revista Europa.

Em 1926, Judith Teixeira publica *De mim. Em que se explicam as minhas razões sobre a Vida, sobre a Estética, sobre a Moral* que, segundo Giavara (2015. p. 153), a escrita do texto foi uma espécie de explicação diante das críticas moralizantes sobre os poemas de suas obras de 1923 e 1926. Porém, o texto tornou-se um manifesto em que se apresenta a luxúria como um motor para o processo criador. Esse foi, provavelmente, o único manifesto artístico modernista de autoria feminina do século XX em Portugal.

Exemplares de seu livro *Decadência* (1923), juntamente com o de outros autores, como António Botto e Raul Leal, foram apreendidos e incinerados a mando do governo civil de Lisboa, graças a manifestações lideradas pela conservadora Liga de Acção dos estudantes de Lisboa, que abominava os escritores considerados imorais, nomeados como os poetas de Sodoma.

Maria Lúcia Dal Farra diz que Judith Teixeira foi o “único nome feminino a integrar a vanguarda portuguesa” (2008, p. 846) e aponta “a mais feroz e persecutória sentença misógina” (2008, p. 845) contra a poeta, sendo ela, praticamente, relegada à margem dos estudos acerca do Modernismo português.

O poema “A Outra”, pertencente ao provocativo livro *Decadência*, permitirá uma leitura para além de aspectos da moralidade. Trata-se de compreender um corpo feminino sedento de prazer sexual que externa suas vontades e desejos carnis de forma eloquente, expondo, assim, a mulher sufocada pelo patriarcalismo da época.

Cabe lembrar que a posição social que as mulheres ocupam pode impactar no modo como elas são tratadas, reforçando, em geral, as imposições patriarcalistas. No entanto, aquelas que não se enquadram nas normas sociais vigentes, são vistas como “não femininas”, desviantes e até mesmos lésbicas. E assim sucedeu com Judith Teixeira.

Já o poema “Uma vez”, integrante da obra *Namorados*, possibilitará observar o amor idealizado, romântico, asséptico no que concerne ao corpo desejante. As representações utópicas sobre o amor consolidam comportamentos de dominação e submissão. O amor romântico

estabelece papéis específicos para as mulheres, que são tidas como cuidadoras abnegadas e submissas.

EU: A MULHER NO POEMA UMA VEZ

A condição feminina, em qualquer período da vida, está para além do respeito ao ser humano, pois diz sobre a identidade e a alteridade. Vários são os adjetivos atribuídos à mulher, que vão desde a subalternidade até a escravização circunstâncias determinadas por preceitos machistas e patriarcais.

Estudiosos da crítica feminista, como Simone de Beauvoir (2009), mostram porque o tratamento dado ao gênero feminino tem mudado de forma tímida. A mulher tem pouco valor numa sociedade que impõe regras e valores que a diminuem e cujo sistema patriarcal é legitimado há tempos por um sistema que naturaliza o papel dela, a ver:

O mundo sempre pertenceu aos machos [...]. Já verificamos que quando duas categorias se acham presentes, cada uma delas quer impor à outra sua soberania; quando ambas estão em estado de sustentar a reivindicação, cria-se entre elas, seja na hostilidade, seja na amizade, sempre na tensão, uma relação de reciprocidade. Se uma delas é privilegiada, ela domina a outra e tudo faz para mantê-la na opressão. Compreende-se, pois, que o homem tenha tido vontade de dominar a mulher (BEAUVOIR, 2009, p.99).

Apesar das conquistas obtidas ao longo do século XX, as mulheres ainda são coisificadas, objetificadas e reduzidas para se moldarem aos estereótipos da ordem e do comportamentos ditados pelo machismo. Nas duas primeiras décadas deste século XXI, constatamos que, apesar de todos os avanços, as mulheres ainda têm um longo caminho a trilhar para dissipar por completo as prescrições sociais que as subalternizam.

Então nas duas primeiras décadas do século passado, esse estado de coisas era ainda mais opressor. Entretanto, já havia mulheres, em todos os campos de atuação, rompendo com as normas que regiam a conduta das “moças de família” bem-posicionadas e bem quistas justamente por serem belas, recatadas e subservientes. Porém, em outra esfera, havia aquelas mulheres que se moldavam a tais regras muitas vezes subliminarmente impostas ou tão arraigadas que a mulher nem se dava conta delas.

É esse segundo cenário que se observa no poema “Uma vez” de Virgínia Victorino transcrito abaixo.

Uma vez

AMA-SE uma vez só. Mais de um amor
de nada serve e nada o justifica.
Um só amor, absolve santifica.
Quem ama uma vez só, ama melhor.

Qualquer pessoa, seja ela quem for,
se a uma outra pessoa dedica,
só com essa ternura será rica,
e qualquer outra julgará peor.

Há dois amores? Qual é o verdadeiro?
Se há um segundo, que é feito do primeiro?
Esta contradição quem foi que a fez?

Quem ama assim, julga talvez que amou;
mas pode acreditar que se enganou
ou da primeira ou da segunda vez. (VICTORINO, 1920,
p.47-48)

No soneto, desde o primeiro verso, fica evidenciado o amor idealizado, único e no qual se observam resquícios românticos. A primazia do amor único, eterno é marcada pelo emprego dos vocábulos “só”, “uma vez”, “um só”. Ao amor único são atribuídos termos de sentido positivo, a saber: “santifica”, “absolve”, “melhor”. Em contrapartida, à expressão “Mais de um amor” liga-se semântica e estruturalmente ao segundo verso de dicção negativa “de nada serve e nada o justifica.”

No segundo quarteto, o eu-lírico afirma que a dedicação ao outro, ao ser amado, tornará aquele rico de ternura, o que é enfatizado pelo uso do advérbio “só” de valor restritivo. Não se menciona a contrapartida da pessoa a quem o sujeito lírico dedica seu amor, parece bastar a dedicação unilateral. Papel esse comumente atribuído à mulher que deve, segundo os padrões da época, dedicar-se ao outro, em dignificante abnegação.

No primeiro terceto, as interrogações sobressaem, já que todos os versos são encerrados por uma. Instaure-se, assim, o ceticismo que se configura como uma tática argumentativa da voz lírica. Assim, por meio das dúvida instaurada, desqualifica-se novas experiências amorosas. No

último verso dessa estrofe, reafirma-se a unicidade do sentimento amoroso, pois que ter um segundo amor é, por si só, contraditório.

Em continuidade aos argumentos da estrofe anterior, na quarta estrofe, o sujeito lírico reputa a não unicidade da vivência amorosa ao engano. Em “julga talvez que amou” fica patente, por meio do verbo “julgar” e do advérbio “talvez”, a inexecutabilidade de vivenciar a relação amorosa mais de uma vez.

Não se observa, em termos gramaticais, referência explícita à mulher, posto que as menções à pessoa possuem um caráter de neutralidade, já que ao fazê-las utiliza-se o pronome “quem” nos versos 4, 11 e 12 e as expressões “qualquer pessoa” (verso 5) e “qualquer outra” (verso 8). Porém, essa pretensa neutralidade pode ser atribuída à estratégia de se generalizar essa percepção de que só se pode vivenciar o amor uma única vez, como apregoa a cartilha do amor romântico, idealizado.

Esse amor romântico constitui-se como um valor importante no imaginário das sociedades modernas e até hoje, nas sociedades contemporâneas, uma vez que a expectativa romântica de realização amorosa se afigura como a garantia de completude e felicidade dos indivíduos. Todavia, esse ideal impõe o cumprimento de papéis. Na estrutura patriarcal, cabe à mulher o papel de um ser dúctil, conformada aos comportamentos que lhes são imputados, inclusive o de crer num amor único, verdadeiro e perene.

Interessa ainda notar que, no poema, a vivência do amor é da ordem do abstrato. Em nenhum momento o corpo, o desejo, a sensualidade ou qualquer outra forma de concretização física do amor é mencionada. A ausência das expressões de desejo, do corpo físico, sensível e desejante condiz com o papel da mulher que deve manter sua erotividade e sexualidade submersas no recato.

A OUTRA: A TARADA

Muitas vezes, estar sob o jugo masculino em uma sociedade patriarcal pode gerar na mulher uma sensação de vazio, de impotência e de insatisfação, fazendo com que algumas se desviem da práxis, para reclamar de qualquer condicionamento em que se encontra, para desvencilhar-se de tais sensações.

No poema que leremos abaixo evidencia-se esse eu, um tipo de mulher submissa e subjugada, mas ao assumir que outra vive em seu íntimo, externa seus sentimentos e desejos sexuais como transgressão,

o que mostra uma mulher que não (cor)responde ao modelo feminino exigido pela sociedade patriarcal.

Para tanto, é no viés do erotismo, vivenciado no alto sentido do desejo carnal, da comunhão plena eu-outro que a escritora redesenha a imagem dessa mulher, a partir da liberação do desejo íntimo impresso na sua linguagem/escrita e protesta contra os limites repressores nos quais há preponderância da autoridade masculina.

A OUTRA

A Outra, a tarada,
aquela que vive em mim,
que ninguém viu, nem conhece,
e que enloirece
à hora linda do poente
pálida e desgrenhada –

Vem contar-me, muitas vezes
na sua voz envolvente,
incoerente
e desgarrada –
A estridência da cor,
a ânsia do momento...

A rubra dor
do sensualismo,
no ardor de cada paroxismo

Não há angústia maior
que essa tragédia interior: -
A intransigência
dos seus nervos,
irreverentes servos
da sua inconstância!
E é sempre a mesma dor angustiada
Em cada sensação realizada...

Todo o seu canto morre num clamor! ...-
Nada é verdade.
Só existe a Dor!
Nada mais subsiste,

Mesmo o prazer e a sensualidade
só na Dor existe. (TEIXEIRA, 1996, p.45)

A poesia de Judith Teixeira apresenta uma mulher intensamente sexual, um eu-lírico que expõe suas vontades numa liberação erótica não consentida pela sociedade. Porém, esses sentimentos e desejos carnis só podiam ser expostos por uma mulher taxada como imoral, obscena por essa mesma sociedade.

Essas denominações nos apontam o ideal patriarcal de manutenção da ordem e do poder masculino, assegurada por sanções voltadas para a mulher. Esse *status quo* rotula a mulher como pertencente ao gênero passivo, submisso e frágil, adjetivos incutidos como qualidades próprias da natureza feminina.

Toda essa opressão limita a mulher em seus desejos mais íntimos, como lemos aqui nesse poema intitulado “A Outra”, que pode referir-se a qualquer mulher sedenta por satisfazer seus desejos e fantasias sexuais interiorizados. Interessante observar que a outra emerge de forma vigorosa e ocupa um lugar proeminente, é o que sugere a inicial maiúscula do vocábulo “Outra” no primeiro verso do poema.

Essa outra é denominada “tarada”. Vários são os significados para o léxico “tarada”, que pode ser “depravada”, “devassa” e, ainda em sentido figurado, pode ser aquela “que apresenta falhas ou defeitos” (AULETE DIGITAL). Então, o adjetivo eleito pela poeta representa uma mulher tida como pervertida, que, segundo o sujeito lírico diz: “aquela que vivem em mim”. A tarada, portanto, é uma faceta dessa mulher e insinua a sede de impulsos. Trata-se daquela que não quer esconder sua libido, escapando assim, das amarras sociais em torno do desejo feminino.

Os versos que seguem denunciam a imposição de reclusão ao corpo desejante, que limita a manifestação de seus instintos a esse mesmo corpo, “que ninguém viu, nem conhece”. Tais versos sugerem que o prazer permitido a mulher só pode acontecer ocultamente, em momentos que ela se vê livre para atuar como desejante. Com o propósito em expor sexualmente seu corpo enclausurado, a voz lírica explicita sua condição de “tarada” pelas descrições: “enloirece” num momento que pode ser/ acontecer “à linda hora do poente”. Observe-se ainda que os adjetivos “pálida”, “desgrenhada”, “desgarrada” e “incoerente” de valor negativo e atribuídos à outra podem sinalizar a percepção da sociedade em relação ao corpo desejante.

A outra, essa face desejante, indica a urgência e o clamor dos desejos como se verifica nas expressões “A estridência da cor” (verso 11) e

“a ânsia do momento” (verso 12). Note-se que a sinestesia presente no verso 11 enfatiza, ao unir cor e som agudo, a inquietação intensa do sujeito lírico. Em sequência, a terceira e a quarta estrofes apontam o que a outra, “com sua voz envolvente” (verso 8), revela. Ela, a outra, denuncia a intensidade da dor que expressão do desejo causa. Intensidade essa enfatizada pelos adjetivos “rubra” que antecede ao substantivo “dor” no verso 13 e “angustiada” que sucede o mesmo substantivo no verso 23.

Assim, a sensualidade só existe na dor, pois ela é reprimida. A tragédia é interior, visto que a outra, esse ser desejante, precisa reter sua expressão. E desse modo, realizar seus desejos, viver seus impulsos causa intenso sofrimento. O eu-lírico acaba por concluir que a única verdade é a dor, até mesmo o prazer e a sensualidade só existem na dor. A intensidade da dor dessa voz lírica é tal que, para dimensioná-la, emprega-se a inicial maiúscula.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Virgínia Victorino é a poeta dos versos bem-acabados e adocicados que revelam um amor bem-comportado, próprio das mulheres “direitas” e “de família” cuja conduta se amolda aos ideais da sociedade ainda circunscrita pelo poder patriarcal. A subtração da libido e do corpo denotam uma mulher que oblitera ambos em favor de seu papel social e da idealização do amor.

Em “Uma vez”, vemos a idealização do amor romântico em que se percebe que ocorre o encontro da alma gêmea e tal encontro sela um destino feliz e para sempre. Assim, só é admissível como amor verdadeiro aquele que acontece uma única vez, posto que esse encontro mágico é único e irrepitível. Nessa perspectiva, a relação a dois é romantizada e sublima os anseios sexuais e, com isso, mantém a mulher circunscrita à esfera exemplaridade social.

Embora se evidencie um ideal de amor sublime, harmônico e em conformidade com o papel que a sociedade atribui à mulher, nesse poema também podemos ler uma sublimar violência. Posto que impingir a alguém esse ideal de amor é, de alguma maneira, também decretar que essa é a única forma possível de amar e fora dela só haveria dor e insatisfação.

Judith Teixeira questiona o lugar da mulher na sociedade e reflete sua contribuição para a construção da identidade sexual feminina

questionando sua limitação enquanto mulher e reclamando sua invisibilidade enquanto um ser que tem sentimentos.

No poema “A Outra”, lemos a mulher assumindo uma outra identidade – a tarada – a para expor seus desejos mais íntimos. Mas, com morbidez e uma angústia que exalta a “Dor”, a manifestação do eu-lírico acontece em contraposição ao mandonismo patriarcal.

A associação da feminilidade ao corpo na escrita de Judith Teixeira esclarece feições ligadas à realização do desejo carnal. A ousadia escrita pela poeta consiste em invadir um terreno que não lhe pertencia, ou melhor, que ainda não condizia com mulher, o de expressar sua sexualidade sem dissimulação, o direito de expor seu corpo e usá-lo como quiser.

Tanto num texto como no outro temos uma violência simbólica que se estabelece em relação à mulher. Ao falar de violência contra as mulheres, faz-se necessário observar que restringir seus corpos, emoções e mentes a um papel previamente estabelecido é cercear suas liberdades. Em nome de um certo ideal de amor – hétero, submisso, deserotizado – muitas relações de poder são justificadas, muita dor é imposta.

REFERÊNCIAS

AULETE, Caldas. **Dicionário Caldas Aulete**. (vs online). Disponível em: <https://www.aulete.com.br/tarado>. Acesso em: 19 jun. 2021.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**. Trad. Sérgio Millet. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

GIAVARA, Suilei Monteiro. **Poéticas interditas: erotismo, subversão e repúdio em Florbela Espanca (1894-1930) e Judith Teixeira (1880-1959)**. 2014. 223 f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências e Letras de Assis, 2015. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/123332>. Acesso em 20 jun.2021.

DAL FARRA, Maria Lúcia. TEIXEIRA, Judith. In MARTINS, Fernando Cabral (org.). **Dicionário de Fernando Pessoa e do modernismo português**. Lisboa: Caminho, 2008, (p. 845-846).

TEIXEIRA Judith. **Poemas**. Lisboa: & Etc, 1996.

VICTORINO, Virgínia. **Namorados**. Lisboa: Ilustração Portuguesa, 1920.